



FAZER PESQUISA E SE FAZER: A CAMINHADA DE ALUNAS-PESQUISADORAS NA PANDEMIA

CARRYING OUT A RESEARCH AND BECOMING A SUBJECT: THE STUDENTS RESEARCH JOURNEY IN TIMES OF PANDEMIC

HACER INVESTIGACIÓN Y HACERSE: EL CAMINO DE ALUMNAS INVESTIGADORAS EN LA PANDEMIA

Fabírcia Carla Viviani¹
Ana Paula Macedo Cartapatti Kaimoti²

RESUMO

Como organização e elaboração do vivido, o relato de experiência discorre sobre os vários sentidos possíveis que a participação num processo/projeto de pesquisa tem para suas integrantes, cujas percepções são o ponto de partida desse gênero de texto científico, o qual, desse modo, pode ser considerado uma obra aberta, capaz de propor novos saberes. É com esse objetivo que este relato foi elaborado, de forma a narrar a realização do projeto de pesquisa “As desventuras de Deméter: escola e desigualdade de gênero”, do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus Ponta Porã, desenvolvido entre 2019 e 2020, e que contou com a participação de sete estudantes bolsistas. Nesse sentido, considerando a temática do projeto, foi possível perceber o quanto seu desenvolvimento foi significativo para as integrantes, sobretudo devido à forma coletiva como a pesquisa foi realizada, que levou à participação das estudantes em todas as etapas de execução da pesquisa, cujos contornos tornaram-se particularmente desafiadores, no contexto da pandemia, situação de crise em que a desigualdade de gênero se agravou e as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) tornaram-se cruciais para o andamento do projeto. Durante essa caminhada, o fazer científico tornou-se um processo de ensino-aprendizagem e a autonomia e os saberes construídos, nessa vivência, também levaram ao enfrentamento dessas desigualdades. Portanto, ao descrever e interpretar essa experiência e seus muitos significados, esse relato pretende também contribuir para que outras iniciativas como essa possam ser tomadas e novos saberes constituídos.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de experiência. Escola. Práticas educativas. Desigualdades de gênero. Pandemia.

Submetido em: 15/09/2021 – **Aceito em:** 11/11/2021 – **Publicado em:** 28/04/2022

¹ Bacharel e licenciada em Ciências Sociais (2005-2006) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Campus de Marília, mestre (2009) e doutora (2013) em Ciência Política, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente é docente da área de Sociologia no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS- Campus Ponta Porã), onde leciona nos níveis médio/técnico e superior. Pós-doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo.

² É professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Técnico Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS). Realizou estágio pós-doutoral (2014-2016) no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como bolsista do PNPd/CAPES, na linha de pesquisa Diálogos Culturais. É doutora (2007) e mestre (2003) em Teoria da Literatura pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista, Unesp-Ibilce.

**ABSTRACT**

As an organization and elaboration of significant events, the experience report suggests many possible meanings related to participating in a research process/project. Based on the perceptions of its members, this genre of scientific text can be considered a work in progress, capable of proposing new knowledge. It is with this objective that this report was prepared, to tell the realization of the research project "The misadventures of Demeter: school and gender inequality", by the Federal Institute of Mato Grosso do Sul, Ponta Porã campus, developed between 2019 and 2020, with the participation of seven scholarship students. In this sense, considering the theme of the project, it was possible to see how its development was relevant for its members, especially due to the collective way in which the research was carried out, which led to the participation of students in all stages of research execution, which became particularly challenging in the context of the pandemic, a crisis situation in which gender-based inequality worsened and ICT (Information and Communication Technologies) became crucial for the project's progress. During this journey, scientific practice became a teaching-learning process and the autonomy and knowledge built in this experience also led to confronting these inequalities. Therefore, by describing and interpreting this experience and its many meanings, this report also intends to contribute so that other initiatives like this can be taken, and new knowledge constituted.

KEYWORDS: Experience report. School. Educational practices. Gender-based inequality. Pandemic.

RESUMEN

Como organización y elaboración de la experiencia vivida, el relato de experiencia discute los diversos significados posibles que tiene la participación en un proceso/proyecto de investigación para sus miembros, cuyas percepciones son el punto de partida de este género de texto científico, que, de esta manera, se puede considerar una obra abierta, capaz de proponer nuevos conocimientos. Es con este objetivo que se elaboró este relato, con el fin de narrar la realización del proyecto de investigación "Las desventuras de Demeter: escuela y desigualdad de género", del Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus Ponta Porã, desarrollado entre 2019 y 2020, y que contó con la participación de siete alumnas becadas. En este sentido, considerando la temática del proyecto, se pudo constatar cómo su desarrollo fue significativo para los integrantes, especialmente por la forma colectiva en la que se realizó la investigación, lo que propició la participación de los estudiantes en todas las etapas del proceso, cuyos contornos se tornaron particularmente desafiantes en el contexto de la pandemia, una situación de crisis en la que la desigualdad de género se agravó y las TIC (Tecnologías de la Información y la Comunicación) se volvieron cruciales para el avance del proyecto. A lo largo de esa jornada, la práctica científica se convirtió en un proceso de enseñanza-aprendizaje y la autonomía y el conocimiento construido en esta experiencia también llevaron a enfrentar estas desigualdades. Por tanto, al describir e interpretar esta experiencia y sus múltiples significados, este relato también pretende contribuir para que se puedan tomar otras iniciativas como esta y constituir nuevos conocimientos.

PALABRAS CLAVE: Relato de experiencia. IFMS. Prácticas educativas. Desigualdad de género. Pandemia.

INTRODUÇÃO

Geralmente, momentos de crise tendem a causar impactos mais profundos em populações e grupos em situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, pode-se considerar que é consenso entre os estudiosos o fato de que a crise causada pela pandemia de coronavírus “tem rosto de mulher” (BARROSO e GAMA, 2020), levando-se em conta as condições prévias enfrentadas por elas,

globalmente, no que se refere à feminização da pobreza, à sobrecarga de trabalho doméstico não remunerado e à violência de gênero. No contexto da pandemia, esses problemas se intensificaram e contribuíram para que, em pesquisa publicada em março de 2021, o país caísse 26 posições, no *Global Gender Gap Report*, elaborado pelo *World Economic Forum*, WEF, e organizações parceiras, ocupando o 93º lugar nesse ranking, que tem abrangência global, queda que fez o país ser posicionado entre as nações em que a população feminina foi mais afetada pela emergência sanitária.

O peso do isolamento e do distanciamento social, como medidas sanitárias exigidas pela pandemia, e da crise econômica, também tributária desse momento, recaiu sobre elas ao torná-las mais expostas à violência doméstica. Segundo dados do Banco Mundial, houve um aumento de 22% nos casos de feminicídio no Brasil, enquanto os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, de junho de 2021, mostram que uma em cada quatro mulheres sofreu algum tipo de violência durante o último ano de pandemia, isto é, quase um milhão de mulheres foram espancadas ou estranguladas nesse período.

Nesse contexto, com o fechamento das escolas exigido pela emergência sanitária, as estudantes perderam, bruscamente ou aos poucos, o espaço e as horas dedicadas exclusivamente ao estudo, que passaram a ser ocupadas, por exemplo, com o cuidado com a casa, com os familiares e, muitas vezes, vivenciaram a inserção precoce no mercado de trabalho, em atividades, frequentemente, precárias e mal remuneradas, além de ficarem mais expostas à violência.

Desse modo, os números apresentados aqui desenharam um cenário difícil que implica em perdas fundamentais para todos os grupos vulneráveis atingidos. Como resistir a essas circunstâncias? Em busca de respostas, o objetivo deste texto é relatar como a experiência vivenciada na elaboração e desenvolvimento do projeto³ de pesquisa “As desventuras de Deméter: escola e desigualdade de gênero” podem indicar caminhos possíveis para a criação de espaços de diálogo e formação emancipatória para jovens mulheres, em meio a essas circunstâncias especialmente adversas.

De acordo com Daltro e Faria (2019), o Relato de Experiência é um tipo de narrativa científica, uma “construção teórico-prática” de natureza qualitativa, que pressupõe um trabalho de elaboração e refinamento do acontecido, ao tomar como objeto a memória da participação num

³ As estudantes bolsistas participantes do projeto, em ordem alfabética, eram: Ana Julia Oliveira Macedo, Brenda Rodrigues Marcelino Alexandre, Cibelle da Rosa Silva, Ingrid Fraga da Silva, Paola Rodriguez de Jesus, Verônica Arguello Petersen e Zeinab Termos. Para além de bolsistas essas *meninas/mulheres*, conforme a definição de uma delas, compõem a autoria deste relato. Mesmo que indiretamente, este texto foi tecido a partir do trabalho coletivo, do diálogo, da presença, do envolvimento e da pesquisa de todas as integrantes. Sem elas, não haveria texto, sentidos ou conexões que se propõe aqui entretecer.

processo, que pode ser “(...) fonte inesgotável de sentidos e possibilidades passíveis de análises” (DALTRO e FARIA, 2019, p. 227 e 228), com base na perspectiva do sujeito pesquisador. Desse modo, considerando que a pesquisadora está inserida num determinado contexto histórico e cultural, o Relato de Experiência valoriza a descrição e a interpretação de fenômenos específicos como uma obra aberta, capaz de se multiplicar em novos saberes.

Partindo dessas premissas, destacamos que, desenvolvido num contexto desafiador, nosso projeto de pesquisa enfrentou tanto as dificuldades que a emergência sanitária causada pela COVID-19 trouxe para a comunidade escolar e, particularmente, para as mulheres, quanto aquelas relativas ao tratamento da temática das questões de gênero na escola. A urgência desse debate se faz diante do fortalecimento de um projeto de mobilização conservadora, o discurso antigênero se articula como uma contraofensiva político-discursiva ao feminismo e às políticas de reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos, os quais passam a ser entendidos como um ataque aos valores da “família tradicional” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017; JUNQUEIRA, 2017). Essa narrativa converge com o movimento denominado “escola sem partido” e é percebida nas disputas em torno do currículo, com tensionamento de exclusão/inclusão da temática de gênero e sexualidade, bem como de disciplinas como sociologia e filosofia, consideradas as principais ameaças aos grupos tradicionais e à agenda moral. Tais articulações ecoavam em políticas institucionais, como nos planos de educação, na Reforma do Ensino (2017) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (FRIGOTTO, 2017; CIAVATTA, 2017).

Entre as nove participantes do projeto, duas são docentes e sete, estudantes do ensino médio técnico integrado em informática e agricultura, do IFMS, Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus Ponta Porã, das quais duas se formaram recentemente. A pesquisa realizada recebeu fomento da FUNDECT, Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul, em parceria com o PIBIC-EM o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior do CNPq, por meio de bolsas que serviram para incrementar a renda das estudantes.

Ao longo de um processo intenso de formação e diálogo, nosso projeto de pesquisa passou por várias etapas e adaptações que foram se tornando necessárias na medida das demandas de cada uma das participantes, do momento histórico que vivíamos e suas reverberações sobre as subjetividades envolvidas nessa trajetória. Ainda assim, o desenho geral da pesquisa se manteve e consistia no seguinte: a representação de situações de desigualdade de gênero, no cotidiano escolar dos cursos técnicos do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus Ponta Porã, por meio da criação de um roteiro para a elaboração de uma história em quadrinhos, a partir de dados coletados e analisados qualitativamente. Nesse sentido, essa experiência reforça a importância de se abordar a desigualdade de gênero no ensino básico, como forma de

resistência, mesmo nas condições adversas que a pandemia trouxe para a educação, no Brasil, no contexto do fechamento das escolas e do estabelecimento das atividades remotas.

ESCOLA, DESIGUALDADE DE GÊNERO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA: UNINDO OS PONTOS

O projeto de pesquisa aqui relatado - “As desventuras de Deméter: escola e desigualdade de gênero” - é um desdobramento de esforços anteriores de reflexão sobre gênero no ambiente escolar que remontam ao projeto de ensino denominado “Oficina de Textos e Ideias”, desenvolvido entre 2012 e 2018, no campus de Ponta Porã do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. Resultado da parceria entre professores de Língua Portuguesa e Sociologia, esse projeto tinha uma dinâmica de auto-organização coletiva e reunia um conjunto de estudantes do ensino médio integrado em Agricultura e em Informática, para debater temas de livre escolha das (os) participantes e elaborar leitura e escrita compartilhadas. Nesse espaço, passamos a desenvolver também projetos de pesquisa e de extensão, articular debates e discussões no campus, organizar atividades diversas que envolviam a comunidade escolar e fronteira e orientar trabalhos de conclusão de curso.

Diante dos altos índices de violência contra a mulher no município de Ponta Porã⁴ e das situações observadas dentro da própria instituição escolar, eram recorrentes as problematizações sobre gênero. Esse aspecto estava na base de um trabalho de conclusão de curso de duas estudantes do curso técnico em Agricultura. Refletindo sobre suas próprias vivências como alunas do curso e observando as condições assimétricas entre os estudantes, Ana Fernandes e Letícia de Jesus (2017) evidenciaram a desigualdade de tratamento em relação às estudantes meninas em experiência de estágio, ao realizar um levantamento de ações que refletem abordagens desiguais entre meninos e meninas, reproduzindo, assim, a desigualdade de gênero. Os resultados desse trabalho demonstraram as diversas situações díspares que afetam principalmente as meninas em espaços tradicionalmente dominados por figuras masculinas, seja no mercado de trabalho, agricultura, ou na localidade, Mato Grosso do Sul.

Mais ainda, os relatos coletados pela pesquisa reforçaram a necessidade de se olhar para dentro, para o interior da instituição e compreender suas contribuições na (re)produção desse sistema de opressão sobre as trajetórias femininas. Daí, novas questões surgiram: será que essas situações que ocorrem nos estágios não são uma reprodução daquilo que ocorre na escola? Como a escola contribui para a construção dessas desigualdades? Quais práticas pedagógicas

⁴ O Mapa da Violência contra a Mulher de 2012 trazia Ponta Porã em 12º lugar entre os municípios brasileiros e o 1º no Mato Grosso do Sul em homicídio feminino. Ver Waiselfisz (2012).

configuram a reprodução das desigualdades de gênero? Sobre essa problemática, Paola Rodrigues e Verônica Peterson, já em 2018, iniciaram um processo investigativo para identificar, mapear, analisar e evidenciar as práticas que levam à reprodução das desigualdades de gênero no campus Ponta Porã. O principal objetivo consistiu em identificar e relatar as práticas, por vezes naturalizadas, que revelam e expõem as dinâmicas cotidianas em que estudantes e docentes, entre outros membros da comunidade escolar, produzem e reproduzem discursos e práticas excludentes e silenciadoras, redutoras e, em última instância, violentas, relativas à desigualdade de gênero.

Obviamente que uma proposta com essa envergadura transcende as possibilidades de um trabalho de conclusão de curso do ensino médio integrado. Com a oportunidade da CHAMADA FUNDECT/CNPq/SED-MS - N° 06/2019 – PIBIC-Jr-MS, decidimos extrapolar sua dimensão e transformá-lo num projeto de pesquisa mais amplo que envolviam também as professoras orientadoras. A aprovação neste edital somou mais cinco integrantes ao projeto que passaria agora a contar com sete estudantes bolsistas. O projeto teve financiamento entre novembro de 2019 e outubro de 2020, seguindo como trabalho de conclusão de curso até fevereiro de 2021, quando o ciclo se completou com a defesa do trabalho de conclusão de curso de Paola Rodriguez de Jesus (2021).

Durante esse percurso o projeto enfrentou diversas resistências e dificuldades. Seu surgimento, desenvolvimento e conclusão coincidiram com o momento de constantes ofensivas à escola como um espaço democrático de discussão. É coetâneo de um cenário em que o debate de gênero sofreu duros ataques de correntes conservadoras, como do movimento denominado Escola “sem partido” e do argumento falacioso “ideologia de gênero”. Suas diretrizes acusam de doutrinação ideológica as escolas e docentes que abordam esses e outros temas considerados polêmicos e tem, inclusive, criminalizado ações pedagógicas nesse âmbito (JARCEM, 2020, apud ANTUNES e DUQUE, 2020). Na simbiose entre política e moralismo religioso, se arquiteta a aniquilação da escola pública como espaço de formação humana e democrática, operando um esvaziamento do conhecimento sistematizado, norteado pela finalidade de formar sujeitos autônomos, capazes de ler criticamente a realidade (FRIGOTTO, 2017; CIAVATTA, 2017).

Entretanto, é importante ressaltar que o tensionamento em relação ao debate de gênero na escola não é exclusivo dos tempos de obscurantismo político que temos atravessado. As resistências em se discutir gênero na escola sempre acompanham as práticas educativas que trazem essa discussão ao centro do debate. Partindo disso, por um lado, é preciso retomar o fato de que a escola atua como espaço de reprodução e intensificação das desigualdades de gênero, isto é, de acordo com Louro (2011, p. 64 e 65), ela é uma das instituições que praticam “pedagogias de gênero e sexualidade”, que naturalizam diferenças e definições do que é ser homem e mulher

e, desse modo, ocultam as relações de poder nas quais esse processo se fundamenta. Não por acaso esse problema tem se intensificado mais recentemente no contexto do discurso que emerge a partir do Movimento Escola Sem Partido, como mencionado. Essa é uma das razões pelas quais, no âmbito escolar, o debate desses temas é sensível e frequentemente enfrenta dificuldades para se organizar, que resultam, como destaca Antunes e Duque (2020, p. 273), no “silenciamento dos/as jovens e dos/as professores/as diante das experiências vivenciadas nas escolas”.

Por outro lado, é preciso destacar que a abordagem dessa temática pela escola tem respaldo na necessidade premente de se modificar o cenário da violência de gênero no país, corroborado pelos dados apresentados no início desse relato e que também atinge gravemente outros grupos vulneráveis, como os LGBTQIA+. Esse papel está legalmente respaldado por documentos que organizam o processo de ensino e aprendizagem no Brasil, como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), nos quais as questões de gênero e sexualidade são parte do conjunto dos temas relevantes que devem ser abordados de forma transversal pela escola, em ações pedagógicas variadas (ANTUNES e DUQUE, 2020, p. 275). Desse modo, o papel fundamental que a instituição escolar exerce na sociedade também indica o quanto ela é potencialmente capaz de combater essas desigualdades e resistir a elas.

“No começo parecia que nada ia dar certo, mas depois, já na metade, parecia que estava no começo”: uma caminhada cotidiana do fazer científico

A fala de Verônica Petersen, uma das estudantes bolsistas integrante do projeto, que intitula essa sessão, sinaliza as ambivalências inerentes à construção do saber científico, além de ser uma percepção que se forma a partir de um processo de aprendizagem atravessado por diversas dimensões, subjetividades, condições singulares e situação pandêmica. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, as alunas estavam entre o quarto e sétimo semestre do Ensino Médio Técnico Integrado em Agricultura e em Informática, do IFMS, campus Ponta Porã, isto é, em fases diferentes dessa etapa do ensino básico. A participação de cada uma se construiu de acordo com essa condição e com outros aspectos que as aproximavam e diferenciavam entre si, como o nível socioeconômico, o contexto familiar e a estrutura com a qual podiam contar para dar andamento às etapas de execução do projeto, nas circunstâncias da pandemia de coronavírus, entre outros desafios pessoais, considerando, inclusive, que as estudantes que estavam no último semestre também lidavam, paralelamente, com a elaboração de seus trabalhos de conclusão de curso e a condução de seus estágios.

As reuniões ocorreram semanalmente com a utilização da plataforma Skype, mas a articulação principal do projeto acontecia por meio de um grupo específico para o projeto, no WhatsApp.

Esse ambiente se tornou um espaço de trabalho e de troca de experiências, pois, possibilitou marcar encontros virtuais, sistematizar demandas entre as reuniões online, acompanhar o desenvolvimento das tarefas individuais e coletivas, mobilizar e organizar as/os participantes dos grupos focais, bem como dar andamento às atividades burocráticas inerentes ao projeto. Por esse grupo virtual passavam as constantes negociações para realização das reuniões online de forma a atender as particularidades de todas as integrantes do projeto, inclusive das professoras orientadoras.

Além disso, é preciso destacar que o grupo e as reuniões online, tornaram-se mais do que lugares para o desenvolvimento objetivo do trabalho de pesquisa, configurando-se como espaços para a socialização de questões emocionais e psicológicas, por meio do compartilhamento de angústias, preocupações e ansiedades que nos afligiam cotidianamente.

Nesse processo, diante das inúmeras dificuldades impostas pelo cenário pandêmico, era frequente a necessidade de se realinhar os horários de reunião com as demais atribuições. Várias vezes realizamos encontros no período noturno e aos finais de semana para conseguir agregar todas as participantes e dar seguimento à execução do projeto. Dentre as principais adversidades, as bolsistas relataram a dificuldade de acesso a equipamentos, quase sempre compartilhados por outros membros da casa, sendo que elas utilizavam frequentemente o celular para essa finalidade, a precariedade de conexão com a internet, bem como um local apropriado na casa para que pudessem participar com privacidade das reuniões e discussões propostas pelo grupo. Muitas vezes, as alunas precisavam buscar espaços externos, varandas e quintais, por exemplo, para conseguirem uma conexão um pouco melhor com a internet e acessar as reuniões online.

Essa vivência das pesquisadoras mostra tanto o papel crucial das tecnologias digitais de rede, durante a pandemia, como mediadoras dos processos de ensino e aprendizagem, das relações de trabalho e do acesso a políticas públicas, entre outros, quanto como o acesso a esses recursos tecnológicos é desigual no país, onde um a quatro brasileiros não usa a internet, de acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2019, lançada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br).

Mais ainda, é preciso destacar que os problemas não se resolvem quando se disponibiliza a conexão à internet, como expôs a situação das estudantes do projeto que precisavam contornar a conexão ruim e a falta de equipamentos adequados para conseguirem desenvolver as atividades escolares e de pesquisa, à distância. A condição das alunas se reflete no cenário brasileiro mais geral no qual, mesmo entre os 71 %, que têm acesso à internet, 58% o fazem exclusivamente por meio de smartphone (MARCON, 2020). Isso levou a inúmeros problemas que tornaram um desafio o acompanhamento das aulas a distância, de acordo o mapeamento realizado pela TIC Domicílios:

Entre os usuários das classes A e B, os principais motivos para não acompanhar as aulas foram: não conseguir ou não gostar de estudar a distância (43%); cuidar da casa, dos irmãos, filhos ou outros parentes (38%); e falta de motivação (35%). Já entre os indivíduos das classes D e E, as questões mais apontadas foram a necessidade de buscar um emprego (63%); de cuidar da casa, dos irmãos, filhos ou outros parentes (58%); e a falta de equipamentos para acessar às aulas (48%) (PORVIR, 2021).

Esses dados expõem outros aspectos importantes da experiência das estudantes participantes da pesquisa no decorrer da suspensão das atividades presenciais na escola, no sentido de que era perceptível que elas vinham enfrentando o acúmulo de diversas atividades ao longo do período, sobrecarga que impactava na dinâmica do projeto. Por essa razão, a distância, foi necessário contornar e enfrentar vários desses obstáculos: elas precisavam aliar trabalhos domésticos e outros cuidados com a família à realização das atividades escolares e, dentre essas, o desenvolvimento das etapas do projeto em questão.

Várias reuniões tiveram que ser remarçadas por essas razões e/ou contaram com a inusitada participação, por exemplo, de crianças, sobrinhas/sobrinhos, irmãs e irmãos, que estavam sob os cuidados das estudantes e que, em sua maioria, também eram menores de idade. Diante disso, é preciso refletir sobre o quanto a responsabilidade por essas ocupações foi delegada a essas meninas pelo fato de serem mulheres, como é o caso do trabalho doméstico.

Nesse sentido, esses aspectos mostram como o aumento da demanda por cuidado, nas circunstâncias da emergência sanitária, sobrecarrega as mulheres, em geral, de muitas maneiras, já que, historicamente, são atribuídas a elas a responsabilidade pela atenção às crianças, aos idosos e à casa e, não por acaso, elas são a maioria entre os profissionais que lidam com esse aspecto, como os da saúde, por exemplo.

A pesquisa “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”, realizada pelas instituições Gênero e Número e Sempreviva Organização Feminista, entre abril e maio de 2020, mostra que 50% das mulheres brasileiras passaram a se responsabilizar pelo cuidado de alguém, durante a pandemia e, entre as que cuidam de crianças, 72% indicaram o aumento da demanda por cuidados dentro do domicílio.

Em geral, o enfrentamento dessa situação levou, no âmbito científico, a uma queda considerável da produtividade acadêmica entre as mulheres pesquisadoras brancas, com filhos, e negras, com ou sem filhos, em comparação com homens, no contexto pandêmico, como demonstrou a pesquisa “Produtividade Acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade”, realizada pelo movimento *Parent in Science*, em levantamento realizado, no Brasil, durante os meses de abril e maio de 2020.

Nesse ínterim, o espaço antes reservado para o trabalho remunerado e o lazer, no caso das docentes, e para as atividades escolares, no caso das estudantes, passou a ser ocupado cada vez mais ou pelo trabalho não pago, por meio das atividades de cuidado com a casa e com a família, ou pelo trabalho remunerado precoce, em relação às alunas, à revelia da emergência sanitária em que nos encontrávamos. Isso porque as dificuldades financeiras também se tornaram um desafio cada vez mais presente na vida delas, nesse período, quando as estudantes foram, pouco a pouco, tendo que buscar uma inserção apressada no mercado de trabalho, necessidade essa que podemos considerar que foi forçada por um empobrecimento cada vez maior das famílias.

Uma das participantes, inclusive, precisou fazer um treinamento para uma vaga de trabalho numa rede de lojas da cidade e por isso foi preciso alterar o horário das reuniões, que se tornaram noturnas, por algum tempo, para que ela pudesse estar presente. É importante reiterar que o treinamento foi presencial e estávamos em plena pandemia do coronavírus, sem nenhuma possibilidade de vacinação, isto é, essa estudante e as outras que passaram a trabalhar de forma remunerada, nesse contexto, se expuseram ao risco de contaminação.

Esse também é um aspecto que atinge especialmente as mulheres, nas emergências sanitárias, em que há uma perda importante de renda, quando a condição econômica já reconhecidamente desvantajosa da maioria delas se agrava, como demonstra, por exemplo, o relatório de 2020 da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, OCDE. O relatório mostra que a maioria das famílias monoparentais é liderada por mulheres, cuja ocupação no mercado de trabalho é majoritariamente informal, as quais, por isso, têm menos acesso à saúde e a outros benefícios, sendo as primeiras a serem afetadas num momento de restrição de circulação de pessoas e mercadorias, por exemplo, sem ter qualquer tipo de respaldo. O estudo citado destaca também a diminuição do contingente de trabalhadoras informais, o que piora os índices de pobreza e exclusão social do país, já que elas ocupam majoritariamente esse setor da economia, e mostra o quanto, para essas mulheres, a necessidade de sair de casa em plena pandemia foi uma questão de sobrevivência.

SENTIDOS DA PESQUISA NO ENSINO MÉDIO: SUBJETIVIDADE E AUTONOMIA

O conjunto dessas atividades desencadearam resultados importantes, tanto **objetivos/diretos**, como relatórios de pesquisa, trabalho de conclusão de curso, apresentação em feiras científicas, quanto **subjetivos/indiretos**. Afinal, a aprendizagem proporcionada pelo projeto foi significativa em relação ao letramento e à iniciação científica? Como essas *meninas/mulheres* vivenciaram a experiência ao longo do processo? Quais impactos em suas trajetórias

individuais, suas subjetividades? A partir desses questionamentos, solicitamos a elas um breve relato sobre suas percepções, sentimentos e contribuições sobre a participação no projeto. Logo, os relatos analisados na sequência foram gerados posteriormente à finalização do trabalho, e, portanto, com certo distanciamento, e se caracterizam como elemento central que compõem este relato de experiência.

Aproximando-se da dinâmica adotada durante o desenvolvimento da pesquisa, os relatos foram enviados pelo WhatsApp por mensagem de texto ou por áudios que foram posteriormente transcritos. Para a análise, foram mobilizados alguns eixos norteadores elaborados a partir das próprias narrativas dessas meninas/mulheres, sendo eles: relações com o processo de pesquisa e a integração com o saber científico; apropriações das discussões acerca da temática gênero; o papel do trabalho coletivo; desdobramentos e impactos possíveis em razão da participação no projeto.

Os relatos das estudantes integrantes do projeto demarcam a caminhada da construção da autonomia delas como pesquisadoras e como sujeitos sociais. O entusiasmo e o contentamento se intercambiam com as angústias do desenvolvimento do trabalho científico: prazos, responsabilidade pelas tarefas compartilhadas, tensões, burocracia infundável - a “papelada” nas palavras de algumas delas - reuniões matinais, lembradas por mensagens no celular e regadas a xícaras de café. Ainda no ensino médio, essas meninas compreenderam as ambivalências inerentes ao processo de pesquisa, com o agravante da condição pandêmica.

Paola e Verônica eram as bolsistas responsáveis inicialmente pela pesquisa, o que acabou por atribuir a elas maior responsabilidade no percurso do projeto. Liderar o desenvolvimento de um trabalho científico, diante da atual pandemia, consiste num desafio para qualquer pesquisador experiente. Para além dessas implicações, há que olhar para elas e com elas as diversas dimensões do processo de amadurecimento como pesquisadoras:

Foi difícil porque tudo isso tá em um contexto de pandemia onde nem todos têm acesso à internet, então como os participantes iam fazer? A gente teve que se preparar em dobro e prever o que poderia acontecer de errado e o que fazer nessas situações, como eu era a responsável direta do projeto, eu me preocupava em como seria pros participantes e também em como ajudar as outras meninas da pesquisa (Relato Paola Rodriguez, 24 de junho de 2021).

Um processo sinuoso que Verônica Petersen denominou como “montanha russa de emoções”:

Por mais que eu tenha perdido quantias consideráveis de cabelo por conta do estresse de *ser pesquisadora durante uma pandemia global*, é com grande alegria que chego à seguinte conclusão: valeu a pena. Sendo bem sincera, foi uma *montanha-russa de emoções* do começo ao fim. No começo parecia que nada ia dar certo, mas depois, já

na metade, parecia que estava no começo [risos] Simultaneamente, de forma muito didática [...] aprendemos a ler e a interpretar artigos científicos, também sobre a adaptabilidade dos métodos de coleta de dados, trabalhar em equipe e cumprir prazos (a tarefa mais difícil). Isso fora todo o *processo criativo*, minha parte preferida, a roteirização, criação de personagens[...] O aprendizado que obtive dessa longa caminhada no projeto vai estar presente durante toda a minha vida acadêmica e já me facilitou muita coisa no curso superior. Infelizmente, não é incomum ver colegas com certa dificuldade pra interpretar textos que, para mim, acabam não sendo tão complicados (Relato Verônica Arguello Petersen, 26 de junho de 2021, grifos nossos).

São sentimentos que encontram conforto na dedicação ao que se gosta e naquilo em que se reconhece, no caso de Verônica, o processo criativo e o prazer em desenhar. Mas também encontram repouso na satisfação de perceber que essas vivências auxiliam nos percursos de outros caminhos, seja no trabalho de conclusão de curso, seja na faculdade, permitindo mais leveza à sua trajetória acadêmica. No mesmo sentido, Ana Júlia Macedo aponta as contribuições para seus planejamentos futuros, uma vez que o projeto proporcionou integração e primeiros contatos com a área do conhecimento científico, mesmo diante do cenário atual. Em suas palavras, “aprendi a fazer uma pesquisa, além de coletar, analisar e relatar dados. Isso é extremamente importante na minha formação porque é uma coisa que eu vou continuar utilizando” (Relato Ana Júlia Maceno, 24 de junho de 2021).

Ingrid Fraga também destaca os desdobramentos imediatos da pesquisa em suas projeções, como TCC e ensino superior. Entretanto, ela considera que o aspecto mais relevante do projeto consiste numa forma de aprender que pode ser mais significativa que aquela experimentada na sala de aula. É marcada pelo *diferente* que desperta entusiasmo e, para explicitar o sentido desse aprender, Ingrid destaca o elemento *escolha*:

É *diferente* porque na aula a gente tá naquela dinâmica de aluno e professor, sempre temas que *julgam necessários pra nós*. São temas bem específicos e que a gente não tem direito nenhum de escolher [...] escolher o que a gente vai estudar. É aquela coisa: passa um trabalho, prova, tralalá, ali você é testado seu conhecimento e no projeto não. E eu acho que no projeto a gente tem isso, de *escolher* qual vai ser o tema do nosso projeto, escolher um assunto que nos interessa, que a gente acredita que vai fazer parte de nossa vida futuramente. E essa escolha de tema gera um *entusiasmo* bem maior (Relato Ingrid Fraga, 25 de junho de 2021, grifos nossos).

Ao dizer *temas que julgam necessários pra nós*, Ingrid desnuda e denuncia um processo de ensino aprendizagem unilateral, hierárquico e, portanto, verticalizado e inócuo. Em contrapartida, ressalta a dinâmica horizontalizada do projeto como um dos elementos que implica uma forma de aprender que é coletiva, do fazer e *aprender junto*, com subjetividades consideradas no processo de produção do conhecimento. Nesse sentido, a percepção do *diferente* está associada à ressignificação da sua própria relação com o conhecimento, que é

compartilhado, esquematizado e elaborado mediante ao *turbilhão* e *furacão de ideias* provocadas pelo projeto de pesquisa (Relato Ingrid Fraga, 25 de junho de 2021, grifos nossos).

Para Ingrid, a dinâmica de trabalho coletivo, a possibilidade de escolha e o reconhecimento das individualidades são os fatores que proporcionam um *aprender junto* e diferenciam o projeto das demais experimentações em sala de aula. A produção de um conhecimento compartilhado também é apontada por Paola como o elemento singular do projeto:

Na nossa forma de trabalhar em grupo cada uma se destacava em alguma função e assim a gente se ajudava pra todas saberem como realizar cada passo de um projeto de pesquisa, o que foi incrível porque além de aprender com nossas orientadoras a gente também aprendia muito uma com a outra (Relato Paola Rodriguez, 24 de junho de 2021).

Dessa forma, esses apontamentos indicam que a experiência trouxe responsabilidades, autonomia e reconhecimento da atuação individual dentro do coletivo. São falas que expressam como elas se percebem como sujeitos na produção de conhecimento, ressignificando sua relação com ele. Mais ainda, a vivência desse processo levou a um protagonismo que deságua no sentimento de se *sentir mais importante* quando não se é *mero aluno*:

E quando passam essas leituras que a gente fica uma responsabilidade de fazer alguma coisa, a gente se *sente mais importante*, a gente não se sente *mero aluno*, sabe? A gente fica, "não, eu preciso fazer a minha parte nessa pesquisa", eu preciso fazer minha parte porque senão, não vou estar colaborando para o projeto andar, e isso faz ter mais empolgação para estudar, faz ter mais empolgação pra fazer as coisas. Enfim, faz a gente *sentir mesmo uma pesquisadora*, faz acreditar que o que a gente tá fazendo é importante (Relato Ingrid Fraga, 25 de junho de 2021, grifos nossos).

E o sentimento de ser *mais importante* vislumbra outras possibilidades que ressignificam a relação consigo e com o mundo. São palavras que permitem associar os impactos da pesquisa na **percepção** sobre si, **em especial acerca da temática - gênero -** e da experiência de ser mulher numa sociedade sexista:

[...] durante os relatos que a gente ia conseguindo, parecia que eram novas perspectivas de situações que eu mesma como aluna já tinha enfrentado, e cada vez mais, não só pra mim, mas acho que pra todas elas, ficava mais clara a importância do que estávamos fazendo e como isso deveria ser levado adiante não só por aqueles que participaram do projeto, mas pra todos os alunos que ainda vão vir. Pra mim cada passo pra concluir a pesquisa foi especial, por ter sido feito por *meninas/mulheres* que entendiam, viviam aquilo e que acreditam que esse trabalho tem uma enorme relevância pra mostrar que existem certas falhas no sistema da instituição escolar que podem ser mudadas e assim *transformar* ele em um ambiente de *igualdade* para todos, acima de tudo esse processo todo me enche de orgulho e eu poderia falar milhões de outras coisas que aprendi em cada etapa (Relato Paola Rodriguez, 24 de junho de

2021, grifos nossos).

Como colocado por Paola, esse trabalho foi realizado por *meninas/mulheres* que comungam da percepção do conhecimento produzido em relação ao saber científico. Mas, especialmente, é um conhecimento que também é sobre si e seu entorno, sobre suas experiências e possíveis interconexões com tantas outras. No relato de Ana Júlia, encontramos o que pode reforçar a fala de Paola:

Além disso, no meio da educação, ele [projeto] me proporcionou ferramentas para demonstrar para outras pessoas sobre a questão de *como é ser mulher no espaço da educação*, no espaço escolar. Coisa que eu até mesma aprendi mais por meio dessa pesquisa e também aprendi a entender *porque certas coisas acontecem comigo*. [...] Por meio do projeto nós demos uma margem para *nossa experiência e experiência de várias outras meninas também* (Relato Ana Júlia Maceno, 24 de junho de 2021, grifos nossos).

A sensibilidade de Ana Júlia de relacionar sua experiência *a experiência de várias outras meninas*, aproxima-nos da percepção do “tornar-se sujeito”, nos pressupostos de bell hooks (2019) e Grada Kilomba (2019). No caminho sugerido por essas autoras, ao pensar sobre si, ao definir suas realidades, estabelecer suas identidades e nomear suas histórias, compreende-se que a luta contra as opressões é um processo que só se inicia quando se é capaz de perceber as estruturas de poder que dominam a sua própria vida.

Ao entrelaçar as experiências individuais com as experiências coletivas, as meninas do projeto compreenderam que a transformação daquelas situações de desigualdade de gênero que vivenciavam na instituição escolar, e que se reproduzem em outros espaços sociais, somente seria possível pela desconstrução e pelo rompimento com a visão falseada da realidade, com o senso comum, com *um acho que*, no sentido exposto por Zeinab Termos:

Cada reunião que a gente fez no IF e a reunião que gente teve que adaptar para o Skype por causa da pandemia, cada artigo que a gente teve de ler, acho que se eu não tivesse feito tudo isso, participado desse projeto, acho que eu não teria a opinião que eu tenho hoje, ou não que seja uma coisa tão aprofundada, mas já tenha uma noção mais estudada, sem ser *um acho que* (Relato Zeinab Termos, 25 de junho de 2021, grifos nossos).

Uma construção que se deu pelo coletivo também criou espaço para aliviar as tensões provocadas pela pandemia. Os encontros entre as *meninas/mulheres*, unidas numa *energia feminina* que se construiu e reverberou de uma para as outras, foram fundamentais em sua relação com a temática de gênero, porque, para Ingrid, “a gente sente realmente essa dúvida vinda de outras partes, no campus, na vida”.

O autoconhecimento como pesquisadora e o reconhecimento como sujeito social estão



entrelaçados com o amadurecimento ao longo do percurso, marcam uma *jornada de descobertas* e de transformação social num caminho que é coletivo. É o que Brenda Alexandre aponta ao descrever sua participação no projeto: “A cada reunião que tínhamos eu *descobria uma coisa nova*, eram momentos de risada, de aprendizado, de companheirismo, e acima de tudo eram *momentos em que nos unimos* para, de certa forma, *mudar o mundo para melhor*” (Relato Brenda Alexandre, 25 de junho de 2021, grifos nossos).

Esses relatos trazem um percurso importante para pensarmos o papel da iniciação científica no ensino médio, bem como a pesquisa como acontecimento, no sentido sugerido por Geraldi (2015). Como discutido anteriormente, considerando o papel fundamental que a escola exerce na sociedade, desenvolver projetos de pesquisa no Ensino Médio, no Brasil, tem um significado particular, além de a iniciação científica ser frequentemente o primeiro contato das estudantes com a pesquisa, ela é uma forma de democratizar o acesso ao conhecimento científico e ao letramento necessário para se tornar uma pesquisadora.

Por isso, ecoam também nesses relatos a perspectiva de Oliveira, Civiero e Bazzo (2019, p. 457) que entendem o desenvolvimento de um projeto de iniciação científica, no Ensino Médio, como um “processo de formação”, que deve buscar a construção da autonomia intelectual e da reflexão crítica das estudantes e, nesse sentido, da compreensão e da transformação do contexto social do qual fazem parte. Assim, a pesquisa se torna um acontecimento, no sentido que Geraldi (2015) atribui à aula, como um lugar de questionamentos e de busca por respostas, a qual, necessariamente, deve levar à interação entre saberes e disciplinas e à produção do conhecimento, e não simplesmente à aprendizagem do conhecido (POMPERMAYER e CARVALHO, 2018).

Mudar o mundo para melhor, como nos provoca Brenda, implica um “processo de formação” que proporcione o pensamento crítico sobre suas próprias experiências cotidianas. Permite a construção de um mundo porvir. Inventar novas formas de existir e resistir e, não por acaso, a percepção do “tornar-se sujeito” está atravessada nas falas dessas *meninas/mulheres*. São relatos que demarcam histórias que movimentam novos mundos possíveis, trajetórias que se interconectam com a transformação do entorno, da sociedade ou do mundo. E aí residem os maiores - e melhores - desdobramentos do desenvolvimento desse projeto de pesquisa no ensino médio.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Fabricio Pupo, DUQUE, Tiago. Agência, gênero e sexualidade dissidentes na escola: experiências de jovens e professores/as em Mato Grosso do Sul. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE. Brasil, ano 3, v.3, n. 11, set./dez. 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/246438>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

ATENEA, PNUD BRASIL, ONU MULHERES, IDEA INTERNACIONAL. **Brasil: onde está o compromisso com as mulheres? Um longo caminho para se chegar à paridade.**

Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/09/ATENEA_Brasil_FINAL.pdf>. Acesso em 20 jun. 2021.

BARROSO, Hayeska Costa e GAMA, Mariah Sá Barreto. A crise tem rosto de mulher: como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as mulheres no Brasil. **Revista do CEAM**, v. 6, n. 1, 2020. p. 84–94. Disponível em:

<<https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/31883>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BUENO, Samira, PIMENTEL, Amanda e LAGRECA, Amanda. **A cada minuto, oito mulheres agredidas.** Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/cada-minuto-oito-mulheres-agredidas/>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

CIAVATTA, Maria. Resistindo aos dogmas do autoritarismo. FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira.** Rio de Janeiro : UERJ, LPP, 2017. pp. 07-15.

DALTRO, Mônica Ramos e FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, janeiro a abril de 2019, p. 223-237. Disponível em:

< <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29726> >. Acesso em: 10 nov. 2020.

FERNANDES, Ana G. Caballero; JESUS, Leticia dos Santos de. **O lugar da mulher na agricultura: uma análise da inserção das alunas nos campos de estágio em agricultura.** 2017. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico Integrado em Agricultura) – Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Ponta Porã, 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A gênese das teses da escola sem partido: a esfinge e o ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017. pp. 17-34.

GÊNERO E NÚMERO, SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **O trabalho e a vida das mulheres na pandemia.** Disponível em:

<http://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GENDER AND COVID-19. **Como diminuir as desigualdades de gênero na pandemia:** plano de resposta à pandemia deve incluir perspectiva crítica de gênero e raça. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/redecovid19humanidades/files/post/246/608843c8661ef.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

JESUS, Paola Rodriguez de. **As desventuras de Deméter:** escola e desigualdade de gênero. 2021.145f. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico Integrado em Agricultura) – Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Ponta Porã, 2021.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. 'Ideologia de gênero': a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma 'ameaça à família natural'? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. (Orgs.). **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande: FURG, 2017, p. 25-52.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 62-70, jan./jul. p. 62-70, 2011. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf> . Acesso em: 14 jun. 2021.

MARCON, Karina. Inclusão e exclusão digital em contextos de pandemia: que educação estamos praticando e para quem? **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, n. 2, Edição Especial 2020. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/6047/5401> . Acesso em: 20 jun. 2021.

MARI, Angelica. **Negros e pobres sofrem com exclusão digital durante a pandemia**. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2020/05/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. 'Ideologia de Gênero': notas para a genealogia de um pânico sexual contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 725-747, 2017.

OLIVEIRA, Fátima Peres Zago de, CIVIERO, Paula Andrea Grawieski e BAZZO, Walter Antonio. A Iniciação Científica na formação dos estudantes do Ensino Médio. **Revista Debates em Educação**, v. 11, n. 24, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6899/pdf> . Acesso em 20 jun. 2021.

PARENT IN SCIENCE. **Produtividade acadêmica durante a pandemia:** efeitos de gênero, raça e parentalidade. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true. Acesso em: 20 jun. 2021.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **O Brasil despenca em ranking global de igualdade entre gêneros.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/03/brasil-despenca-em-ranking-global-de-igualdade-entre-generos.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

POMPERMAYER, Soraya Ferreira e CARVALHO, Letícia Queiroz de. A pesquisa acontecimento e a roda de leitura: caminhos para a formação do leitor literário. **Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem** (RBECL/UEMS), Campo Grande, v.1, n. 2, p. 91-109, 2018. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/educacaoculturalinguagem/article/view/2799/2175>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

PORVIR. **Tirar dúvida e qualidade da internet são as maiores dificuldades para estudantes em aulas remotas:** conheça os destaques do estudo Painel TIC COVID-19, do Cetic.br, que também mostra como fatores socioeconômicos interferem na maneira com que estudantes acompanham as aulas remotas. Disponível em: <https://porvir.org/tirar-duvida-e-qualidade-da-internet-sao-as-maiores-dificuldades-para-estudantes-em-aulas-remotas/?utm_campaign=reenvio_newsletter_0611_-_b2e_es_moderna_-_outros&utm_medium=email&utm_source=RD+Station>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Sem parar:** o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Disponível em: <<http://mulheresnapanidemia.sof.org.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012:** Atualização Homicídio de Mulheres no Brasil. São Paulo: Flacso, 2012.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report:** 2021 insight report. Disponível em: <https://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2021.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.